

# Um violento deserto verde: reflexões acerca de como a tecnificação agrícola promovida pela silvicultura expulsa e invisibiliza a população rural do Extremo Sul da Bahia

*Alexandre Bonfim Silva<sup>1</sup>*  
*Gabriel Menezes Gonçalves<sup>2</sup>*  
*Gustavo Brito Loyola dos Santos<sup>3</sup>*  
Universidade Estadual de Santa Cruz

**Resumo:** A presente pesquisa de caráter exploratório, objetiva promover debates e reflexões acerca do processo de desvalorização da população rural da região Extremo Sul do estado da Bahia, em decorrência do plantio de eucalipto que moderniza e mecaniza o campo, diminuindo a oferta de emprego para quem nele vive, desconsiderando vivências e suas potencialidades, bem como diminuindo a biodiversidade local. Assim, a análise de tal fenômeno foi desenvolvida por meio de uma metodologia alicerçada no aprofundamento teórico da literatura concernente ao objeto de estudo para compreensão da realidade local e concernente à antropologia para compreensão das características sociais que tornam as florestas de eucaliptos grandes “desertos”. Foram também consultados, planos estaduais, pesquisas e dados censitários para fomento da pesquisa. Por meio dessa abordagem é concluído que a silvicultura, apesar de promover o desenvolvimento econômico da região também opera expulsando e invisibilizando sua população rural.

**Palavras-chave:** silvicultura; êxodo rural; mecanização agrícola; Extremo Sul da Bahia.

BONFIM SILVA, Alexandre; GONÇALVES, Gabriel Menezes; LOYOLA DOS SANTOS, Gustavo Brito. Um violento deserto verde: reflexões acerca de como a tecnificação agrícola promovida pela silvicultura expulsa e invisibiliza a população rural do Extremo Sul da Bahia. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (28): 61-76, janeiro a abril de 2025. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Graduado em Geografia (Licenciatura) - Universidade Estadual de Santa Cruz.

<sup>2</sup> Graduado em Geografia (Licenciatura) - Universidade Estadual de Santa Cruz.

<sup>3</sup> Graduado em Geografia (Licenciatura) - Universidade Estadual de Santa Cruz.

## **A violent green desert: reflections on how agricultural technification promoted by forestry expels and makes invisible the rural population of the extreme south of Bahia**

**Abstract:** This exploratory research aims to foster debate and reflection on the process of marginalization experienced by the rural population in the Extreme South region of Bahia, driven by eucalyptus plantations that modernize and mechanize the countryside. This shift reduces employment opportunities for local residents, disregards their lived experiences and potential, and diminishes local biodiversity. The analysis of this phenomenon was carried out through a methodology grounded in a thorough theoretical review of the literature related to the subject matter, in order to understand the local reality, as well as anthropological literature to grasp the social dynamics that turn eucalyptus forests into vast “green deserts.” The research also drew on state plans, studies, and census data to support its findings. This approach leads to the conclusion that, while forestry promotes economic development in the region, it simultaneously displaces and renders its rural population invisible.

**Keywords:** forestry; rural exodus; agricultural mechanization; Extreme South of Bahia.

## **Un desierto verde violento: reflexiones sobre cómo la tecnificación agrícola impulsada por la forestación expulsa e invisibiliza a la población rural del extremo sur de Bahia**

**Resumen:** La presente investigación de carácter exploratorio tiene como objetivo promover debates y reflexiones sobre el proceso de desvalorización de la población rural de la región del Extremo Sur del estado de Bahía, como consecuencia de las plantaciones de eucalipto que modernizan y mecanizan el campo, reduciendo las oportunidades de empleo para quienes viven en él, desconsiderando sus experiencias y potencialidades, y disminuyendo la biodiversidad local. El análisis de este fenómeno se desarrolló mediante una metodología basada en el análisis teórico profundo de la literatura relacionada con el objeto de estudio, para comprender la realidad local, así como en la antropología, para entender las características sociales que convierten los bosques de eucalipto en grandes “desiertos verdes”. También se consultaron planes estatales, investigaciones y datos censales para apoyar el estudio. A través de este enfoque, se concluye que la silvicultura, aunque promueve el desarrollo económico de la región, también expulsa e invisibiliza a su población rural.

**Palabras clave:** silvicultura; éxodo rural; mecanización agrícola; Extremo Sur de Bahia.

Entre o final do século XIX e final do século XX, o estado da Bahia, mais especificamente a região Sul, vivenciou uma experiência de amplo desenvolvimento econômico alicerçado no cultivo e exportação de *theobroma cacao*, fruto conhecido popularmente como cacau.

Apesar de seu caráter capitalista acumulativo, a cacauicultura foi responsável pela construção de, segundo Goulart *et al.* (2014) uma identidade regional e cultural. A cacauicultura dependia fortemente da mão de obra dos trabalhadores rurais, dada a falta de características tecnicistas e especializadas. O cacau se tornou “sinônimo” de Sul da Bahia, que passou a ser uma região conhecida como “Zona do Cacau”.

Entretanto, durante o processo de ampliação da cacauicultura por toda a extensão da região, essa era de desenvolvimento foi consideravelmente afetada com a chegada da *moniliophthora perniciosa*, patógeno conhecido como “vassoura de bruxa”, que ataca e adoece as plantações de cacau. Assim, conforme apontado por Oliveira (2016) à medida que a infestação avançava, a produção da cultura cacau-eira se deteriorava, culminando na perda de lavouras e fechamento de empresas de exportação.

Consequentemente, a porção mais ao Sul da região que já reputava a produção madeireira um meio de desenvolvimento, agora sem contar com o avanço da cacauicultura, optou por apostar todas as fichas no setor. Isso foi determinante para que o Sul da Bahia se fragmentasse nas regiões Litoral Sul e Extremo Sul. Uma divisão pautada em tendências produtivas.

A monocultura que assumiu o papel de protagonista dessa propensão do Extremo Sul, foi a silvicultura, que consiste no plantio em larga escala de *eucalyptus globulus Labill*, árvore popularmente conhecida como eucalipto, utilizada como matéria prima de produtos de limpeza, cosméticos, mas principalmente de papel e celulose. Assim, conforme Almeida *et al.* (2008), a silvicultura foi um dos fatores responsáveis pela reorganização socioeconômica da região. Entretanto, estabeleceram-se algumas problemáticas.

A silvicultura, diferente da cacauicultura, concerne a uma produção extremamente tecnicista e mecanizada que desvaloriza a mão de obra rural e/ou não especializada. Silva e Ximenes (2024), discutem sobre o lado perverso da modernização no campo e como a população rural pode ser afetada durante essa transformação. Isso posto, em detrimento dessa nova forma de desenvolvimento, passa a ocorrer uma diminuição da oferta de trabalho sem precedentes para a população do campo. Silva (2023) amplia o debate e aponta que a tecnificação que circunda a silvicultura promove não apenas a diminuição de oferta de trabalho supracitada, como também o êxodo rural involuntário, posto que sem oferta de emprego, a população se vê obrigada a abandonar o campo.

Esse processo culmina no desenvolvimento de grandes “desertos verdes”, justamente no Sul da Bahia, uma região com grande biodiversidade, tornando ilógico o atrelamento da mesma à palavra “deserto”. Entretanto não se trata de desertos no sentido físico-geográfico de regiões estéreis, mas sim em um sentido

antropológico, indo de encontro com a discussão trazida por Povinelli (2016), sobre como as práticas extrativistas podem impactar negativamente a relação de um povo com a terra. No caso da silvicultura, a população do campo passa a ser vítima de uma dolorosa expulsão e invisibilização que deslegitima todo um histórico de construção identitária, deixando assim, esses espaços, apesar de verdes, desérticos, vazios de relações humanas. Lima *et al.* (2020) utilizam o termo “deserto verde” em relação à silvicultura justamente para discutir esse processo de esvaziamento populacional.

O presente trabalho, portanto, objetiva discorrer sobre como a silvicultura vem afetando negativamente a vida de trabalhadores do campo e suas famílias, atentando contra a dignidade e o sentido de pertencimento de um povo que vem perdendo para o capitalismo predatório do eucalipto, espaço em lugares onde construíram suas vidas.

Para tanto, é utilizada a literatura disponível, dos últimos três anos, devendo se considerar o ano vigente do presente trabalho (2025), para o entendimento atual da problemática, bem como das últimas três décadas, para compreender como essa questão vem sendo trabalhada por especialistas ao longo do tempo. Assim, são priorizados temas como o processo histórico de implementação da silvicultura na região, como o tecnicismo adentrou em sua zona rural e como essa nova realidade opera fomentando o êxodo rural e criando desertos verdes em meio a tentativas de resistência da população local.

Outrossim, em consonância a esses trabalhos, são utilizados dados de uso do solo presentes nos Planos Municipais de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica (PMMA's) da região, desenvolvidos pelo Governo do Estado da Bahia e em alguns casos por prefeituras municipais para se mensurar a área de plantio do eucalipto e obter um prognóstico dessa monocultura nos municípios.

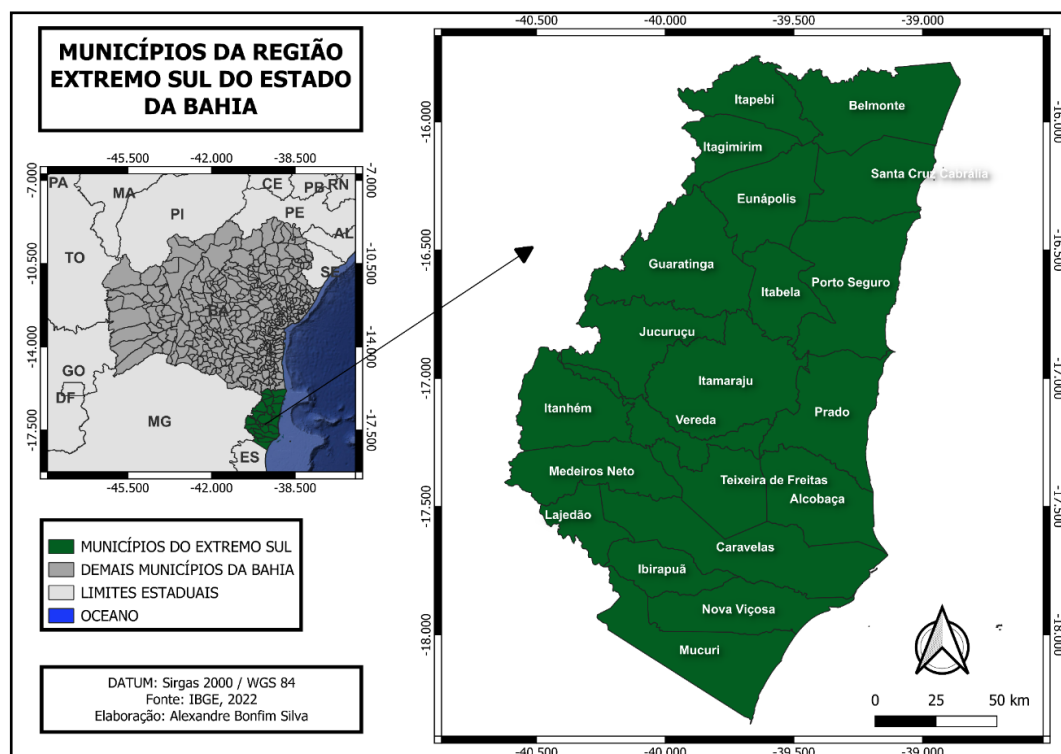
São também utilizados, dados populacionais dos censos demográficos de 1991, 2010 e 2022, a cargo de estabelecer um entendimento acerca da dinâmica populacional rural e geral da região. Atrelado a isso, foram desenvolvidos, a partir do software QGis na versão 3.34.11, mapas de localização para representação gráfica do Extremo Sul e entorno.

Assim, pensando por um viés da Antropologia Cultural, onde de segundo Gómez (2021), os costumes e um povo estão atrelados a cultura, torna-se possível traçar reflexões acerca de como essa realidade é dolorosa, violenta e invisibiliza a importância de uma população que ajudou a construir o campo e que agora é repelida por ele de maneira excludente, desconsiderando completamente toda a ação de construção de vivência, cotidiano, identificação e pertencimento.

## Área de estudo

Cortado pelas bacias hidrográficas do Rio Jequitinhonha, apresentado um clima de úmido a subúmido e integrado em uma área de 30.647,25 km<sup>2</sup>, maior que o estado de Sergipe (21.925,424 km<sup>2</sup>) o Extremo Sul do estado da Bahia (figura 1), conta com 21 municípios, e 824.905 habitantes segundo o censo demográfico de 2022 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

**Figura 1** - Área de estudo. Elaborado Alexandre Bonfim, 2024.



Conforme apontado por Neto (2009), durante a era de grande crescimento da produção cacauieira na Bahia, as lavouras de cacau dividiam o território do sul do estado com a pecuária. Entretanto, em decorrência da crise do cacau, fomentada pela chegada da *moniliophthora perniciosa*, patógeno conhecida como praga da “vassoura de bruxa”, que adoece as lavouras de cacau, estagnou-se o plano de disseminação da cultura cacauieira por toda a região, ficando concentrada apenas no eixo Ilhéus-Itabuna, atualmente conhecida como Região Cacauieira da Bahia. Desse modo, a agricultura ligada à produção de madeira que já estava presente ao Sul desse eixo, passou por um processo de fortalecimento, fomentando a fragmentação do Sul da Bahia e dando origem ao Extremo Sul.

Por sua vez, a urbanização, bem como consolidação regional, dessa “nova” área, foram influenciadas e fomentadas economicamente pelo Sudeste do Brasil, em um processo onde

a região foi ocupada sob impulso de capitais provenientes principalmente do Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo – capital madeireiro, os empreendimentos de café e mamão e o capital industrial (início da implantação de maciços florestais de eucalipto pela Companhia Vale do Rio Doce). (CERQUEIRA NETO, 2013: 256)

Entre os estados citados, Minas Gerais teve uma vantagem territorial para exercer sua influência na região, uma vez que dos 21 municípios da área de estudo, 8 fazem fronteira com o referido estado. Essa realidade territorial configura-se como uma ampla área de fronteira, rica de possibilidades, uma vez que opera estreitando relações interestaduais, afinal, de acordo com Moreira (2018) as fronteiras têm um considerável poder de promover influência de uma área sobre a outra e transformá-la socialmente.

Como será debatido a seguir, a silvicultura foi implementada a poucas décadas na região, considerando o ano vigente de desenvolvimento do presente trabalho (2025), entretanto, conseguiu rapidamente assumir um papel fundamental



em meio a dinâmica regional, não apenas como ferramenta transformadora do espaço, mas também construtora do que se conhece atualmente como a economia do Extremo Sul Baiano. Uma economia fortemente fomentada no processo de plantio de eucalipto, extração de celulose e fabricação de papel.

## Histórico da silvicultura no Extremo Sul da Bahia

A chegada do eucalipto (figura 2) ao Brasil está datada desde o fim do século XIX. Nativa da Austrália, essa espécie arbórea atende variadas finalidades que vão desde a produção de lenha e produtos de limpeza, até papel e celulose, seus principais derivados. No ano de 2019, segundo Rodrigues, et. al (2021) o plantio de eucalipto no Brasil já ocupava impressionantes 7 milhões de hectares plantados.

**Figura 2** – Plantação de eucalipto. Fonte: Veracel, 2022



Conforme supracitado, o papel e a celulose são os principais manufaturados do eucalipto, sendo importante acentuar que a celulose é matéria prima de embalagens, tecidos, fraldas e do próprio papel. Desse modo, considerando uma realidade embasada no capitalismo acumulativo sem o aporte de uma identidade cultural e valorização da mão de obra local, salienta-se que no Extremo Sul da Bahia

As empresas do setor de papel e celulose, com a necessidade de assegurar o abastecimento de matéria prima (eucalipto), e usando as políticas públicas dos anos 70 e 80 até os anos 90, se tornaram grandes proprietárias de terras para o plantio do eucalipto, com participação relativamente pequena dos produtores rurais no plantio de florestas comerciais. (SANT'ANNA E LEONEL, 2005: 14)

Diferentemente de outros estados que cultivam o eucalipto desde o fim do século XIX, Neto (2012) aponta que a silvicultura chegou à Bahia, mais especificamente pelo Extremo Sul, apenas na década de 1980. Entretanto, apesar dessa implementação “recente”, a cultura evoluiu rapidamente na região.

Conforme dados de Medeiros, Moreau e Moreau (2021), produzidos a partir de imagens do satélite Landsat 8, no ano de 1986, o Extremo Sul da Bahia tinha

77.932,09 hectares de eucalipto plantados. 10 anos depois, em 1996, essa área mais que dobrou para 187.275,73. Em 2007 foi registrado um novo salto para 365.186,43 hectares, chegando em 2021 com 435.555,47 hectares plantados, representando 13,7% do território. Tais números demonstram a rápida adesão do Extremo Sul da Bahia em relação à silvicultura. Como consequência

A implantação dos complexos industriais de celulose e papel “obrigou” a região a se adequar a um novo cenário no qual se tornaria um dos maiores centros produtores de eucalipto do país, o que implicava melhoria, expansão e introdução de novas redes que permitissem uma maior agilidade e instantaneidade em seus sistemas de comunicação e maior eficiência em sua logística. (CERQUEIRA NETO, 2012: 63)

A Veracel Celulose e a Fibria-Suzano, que, como salienta Paim et al (2021), são as grandes empresas do ramo na região e segundo os autores, “compraram terras dos pecuaristas da região e são elas que influenciarão, ao longo do tempo, o destino das terras com os agricultores, movimentos sociais e representantes de diversas comunidades para arrendamento e expansão contínua de seus negócios” (PAIM et al. 2021: 97).

Os Planos Municipais de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica (PMMA's) desenvolvidos, pela Fundação SOS Mata Atlântica, em parceria de governos estaduais e municipais, com o intuito de fomentar o desenvolvimento de políticas públicas para recuperação da vegetação nativa na Mata Atlântica, vem sendo realizadas em municípios da Bahia e dedicam uma atenção especial para esse avanço a indústria ligada à silvicultura na região. Entre os municípios da área que mais se destacam em meio a esses avanços, encontra-se, Eunápolis (BA), que segundo destaca Bahia (2016) no PMMA do município, se consolidou como um complexo agroindustrial e polo da silvicultura e produção de celulose no Extremo Sul baiano. O município, conforme levantamento realizado por Ribeiro et. al (2015), contabilizou naquele ano o total de 18,15% de seu território, ocupado pela silvicultura.

No município de Itagimirim (BA), outro local de destaque, Bahia (2016) identificou que a cultura do eucalipto juntamente com a agropecuária, é responsável por sustentar a dinâmica socioeconômica do município e se expande de forma acelerada no sul do território e as margens da BR-101, dada a facilidade logística no momento de transporte do eucalipto, uma vez que a rodovia corta o país de norte a sul. Em relação à área total do território de Itagimirim (BA) ocupada pela silvicultura, Ribeiro et. al (2015) contabilizou 15,3%, sendo a segunda atividade que mais ocupa o solo do município, perdendo apenas para a área de pastagem que ocupa 68%.

Esse protagonismo da silvicultura no município de Itagimirim (BA), não trata-se de uma idiossincrasia, uma vez que se comporta como uma tendência crescente em todo o Brasil. Carvalho, Soares e Valverde (2005) destacam que a produção de papel e celulose naquele ano, já contribui consideravelmente para o desenvolvimento econômico brasileiro. Salientam ainda que o plantio de eucalipto no Brasil atingiu no mesmo período, a maior taxa de crescimento de plantios florestais no mundo.

Indubitavelmente, estamos tratando aqui de uma indústria altamente bem sucedida e de rápido crescimento. Entretanto, justamente por configurar-se como um sistema capitalista, é necessário salientar que

A busca da acumulação e reprodução do capitalismo induz a sociedade a perda da sua sensibilidade como ser humano, construindo assim relações coisificadas em que o humano é diminuído a uma etapa do processo de reprodução ampliada do capital,

que muitas vezes recebe o apoio do poder público, perpetuando ainda mais o poder do capital. (ALVES E NÓBREGA, 2024: 104)

Desse modo, a próxima seção detalha a difícil realidade alicerçada no capitalismo predatório e experienciada pela população rural do Extremo Sul da Bahia que vem sendo expulsa e invisibilizada, à medida que a silvicultura e a indústria do papel e celulose se expande na região.

## **Silvicultura: processos de desvalorização da população rural**

Indiscutivelmente, a silvicultura contribuiu e contribui substancialmente para o desenvolvimento econômico do Extremo Sul da Bahia. Entretanto, considerando um prisma que vai além de um pensamento capitalista, esse desenvolvimento alicerçado na referente cultura, deixa sequelas na camada rural da população, afinal a silvicultura utiliza o campo mas não valoriza quem nele reside.

Skewes e Guerra (2015) abordam essa construção cultural e identitária que uma espécie arbórea pode desencadear, relatando a importância do carvalho-roble para o povo Mapuche no sul do Chile. As árvores dessa espécie assumem protagonismo até mesmo nos funerais do povo Mapuche. Em contrapartida, Maciel (2021), aborda o arbusto denominado “zarza”, que provoca no povo Mapuche o sentimento contrário ao carvalho-roble. Segundo o autor, os habitantes daquela região consideram o zarza uma praga agrícola que prejudica outros cultivos.

No Sul da Bahia, a cacauicultura influenciou a cultura a ponto de render histórias consagradas que conquistaram o país, popularizando os famosos coroneis do cacau, figuras quase folclóricas que invadiram a literatura e a teledramaturgia. Durante o período de crescimento das lavouras de cacau, a região foi moldada identitariamente. A partir dos estudos de Santos (1957), é possível observar um envolvimento dos trabalhadores das lavouras com a produção, um desejo de prosperar financeiramente trabalhando com cacau, um certo orgulho de fazer parte daquele crescimento

No caso da silvicultura, Bahia (2016) destaca que a mecanização e exigência de mão de obra qualificada para manejo dos maquinários necessários nos processos de plantio, manutenção e colheita desvalorizam a mão de obra do campo e a agricultura familiar. Com um discurso de desenvolvimento econômico, os defensores da silvicultura ocultam

o fato do monocultivo do eucalipto estar imerso, tal como o da cana de açúcar, no modus operandi do agronegócio, que preserva a grande propriedade, restringe a produção de alimentos em nome da produção de commodities, atrofia a oferta de empregos e destrói, constantemente, a natureza com o generalizado uso de agrotóxicos e fertilizantes derivados do petróleo (LIMA et al, 2020: 1211).

Embora a cacauicultura também tenha um cunho capitalista acumulativo que visa sobretudo o lucro, ela se aproxima do trabalhador do campo e dele depende. Muitas famílias de trabalhadores, durante a era de crescimento, viviam nas fazendas de cacau ou em seus arredores, existindo um sentimento de pertencimento. Por outro lado, a silvicultura repele e expulsa esses trabalhadores não necessitando dos mesmos. Essa é a principal diferença entre as culturas de cacau e eucalipto quanto se trata de suas relações com a população do local em que são implementadas. Quando trata-se do eucalipto,

a monocultura pode representar um desincentivo à agricultura familiar e a de



produção de alimentos, visto que o arrendamento das terras, prática habitual na região, é mais rentável do que o plantio e comercialização de frutas e verduras. (RABBANI, RABBANI e NAZERI, 2024: 23)

Nessa perspectiva, Piccoli (2016), discute a partir de entrevistas com representantes de movimentos sociais com posicionamentos anti silvicultura que essa monocultura é diretamente responsável pelo êxodo rural da região, pois as indústrias se expandem pelo território comprando fazendas que antes geravam emprego local, mas que agora servem apenas ao eucalipto, empregando poucas pessoas com mão de obra extremamente qualificada. A partir dessas entrevistas é possível analisar como essas pessoas se sentem acuadas ao ver o eucalipto invadir seu local de vivência, seus vizinhos se mudarem, animais fugirem em busca de grama e as ofertas de emprego diminuirão.

Os moradores da região têm cada vez mais pressa em fazer com que todos escutem seus clamores em meio a expansão da silvicultura, por tanto

Os movimentos e as entidades se comprometeram com ações mais imediatas, de curto prazo, como: criar bancos de semente; criar viveiros de mudas de plantas nativas da região; discutir nos assentamentos e nos grupos, com os agricultores, os efeitos do eucalipto. (PICCOLI, 2016: 72)

Equitativamente, Perpétua e Thomaz Junior (2016), destacam o desinteresse de empresas do ramo da celulose da região, para com as comunidades locais, onde as únicas intervenções são no intuito de mitigar ações dessas comunidades contra a silvicultura. Essa relação enfraquece ainda mais qualquer possibilidade de identificação da população com a cultura do eucalipto.

Essa resistência da população do campo em relação à silvicultura já é registrada também em outras regiões do país e do mundo. Lelis e Avelino Junior (2016) destacam, por exemplo, os conflitos vividos no Mato Grosso do Sul, onde os camponeses resistem a territorialização do eucalipto e lutam para continuar produzindo mesmo com a pressão exercida pela referida monocultura. Na Tailândia, desencadearam-se protestos contra a silvicultura, onde, segundo Doughty (1996), os manifestantes alegaram que suas florestas nativas estavam desaparecendo em prol dos plantios de eucalipto. O autor ainda destaca que a monocultura poderia privar os moradores de suas plantações de ervas e direto de pastagem, por exemplo.

Concernente a concentração de terra e produção por partes das grandes empresas de celulose, Lima et al. (2016) apontam que esse processo resulta em um crescente número de famílias expropriadas de suas terras em um movimento onde até mesmo a produção alimentícia perder espaço para a silvicultura.

Ao decorrer do desenvolvimento do presente trabalho, foram identificadas também outras problemáticas que requerem uma discussão. No âmbito da biodiversidade, tomando novamente como exemplo novamente a cacauicultura, as lavouras utilizaram como um dos métodos de plantio, o sistema cabruca, que conforme apontado por Lobão (2007) consiste em um método que não apenas conserva o homem no campo, mas também preserva recursos hídricos e a diversidade arbórea, uma vez que aposta no plantio de cacau em meio a florestas nativas, bem como no plantio de novas árvores em volta das lavouras. Já a silvicultura, segundo Viegas (2023) cerceia a diversidade, pois não dá espaço para um cultivo de outras espécies.

As problemáticas que circundam as produções de eucalipto perpassam os âmbitos sociais e ambientais. Na região da Chapada das Veredas, localizada no

estado de Minas gerais por exemplo, a chegada de uma empresa ligada a silvicultura provocou um verdadeiro desastre, onde

a vegetação nativa foi derrubada até o interior das veredas, foi feito todo um preparo do solo para o plantio de eucalipto nessas áreas, e com o passar dos anos as veredas foram frequentemente desmatadas, receberam muitas enxurradas dos carregadores, por isso foram assoreando e deixando de ter vitalidade. Além disso, de acordo com os depoimentos, a empresa construiu aterros sobre as veredas para viabilizar a passagem de caminhões e máquinas. Essa prática, represou a e água, dando origem às muitas barragens encontradas nesta chapada. Essa água acumulada é utilizada prioritariamente pela a empresa em seus processos produtivos. (SILVA, 2019: 58).

De volta às discussões sobre o êxodo rural, Muller e Martine (1997) já discutiram ainda no período inicial de implementação da silvicultura no Extremo Sul da Bahia, como a modernização agrícola é capaz de fortalecer esse processo. Com o apoio de dados quantitativos, os autores demonstram que desde a década de 1980, a população rural passou a sofrer um declínio, à medida em que o campo se modernizava e se mecanizava, trazendo vantagens às grandes agroindústrias enquanto seguia desvalorizando e inviabilizando o povo do campo levando-os a deixar seu lugares de vivência e identificação. As florestas de eucalipto atuam dessa forma, minando as relações homem-natureza. Justamente por essa contradição, Lima et al. (2020) nomeiam o cultivo de eucalipto como “deserto verde”, pois apesar de parecer uma floresta viva, ele repele os trabalhadores do campo e suas famílias, deixando um vazio nesses espaços.

A partir dos dados dos censos demográficos do Sul da Bahia realizados pelo IBGE, em 1991 (uma década após a chegada do eucalipto da região e durante o processo de adaptação da cultura) e 2010 (20 anos depois) presentes na tabela 1, é possível observar a drástica perda de população rural na região.

**Tabela 1** – População total e habitantes da zona rural nos municípios do Extremo Sul da Bahia conforme os censos demográficos de 1991 e 2010 do IBGE.

Município	População total (1991)	População rural (1991)	População total (2010)	População rural (2010)
Alcobaça	15.410	9.946	21.271	10.186
Belmonte	22.070	11.210	21.798	10.369
Caravelas	19.763	10.831	21.414	10.105
Eunápolis	70.545	7.005	100.196	6.783
Guaratinga	25.441	16.282	22.165	11.074
Ibirapuã	8.290	4.877	7.956	3.424
Itabela	20.848	7.271	28.390	7.006
Itagimirim	7.879	2.809	7.110	1.461
Itamaraju	64.308	19.859	63.069	13.284
Itanhém	23.225	10.165	20.216	6.001
Itapebi	11.078	4.682	10.495	2.227
Jucuruçu	16.012	14.713	10.290	7.998
Lajedão	3.818	2.155	3.733	1.657
Medeiros Neto	23.059	7.355	21.560	4.496
Mucuri	17.606	12.796	36.026	8.534
Nova Viçosa	25.570	16.196	38.556	5.003
Porto Seguro	33.661	11.346	126.929	22.851
Prado	22.632	12.977	27.627	12.153
Santa Cruz Cabralia	6.535	3.338	26.264	7.262
Teixeira de Freitas	85.547	11.326	138.341	10.997
Vereda	8.914	7.953	6.800	5.421

Realizando uma análise dos dados, constata-se que enquanto o número total populacional do Extremo Sul baiano teve um aumento de 42,81% no período de 1991 a 2010, a mesma tendência de crescimento não se concretizou em meio a população rural que registrou uma queda de 27,76%. Entre as maiores perdas populacionais da zona rural, destacamos os municípios de Medeiros Neto com uma diminuição de 38,84% de sua população rural, Itanhém com perda de 41,03%, Itagimirim com perda de 48,01% e Nova Viçosa com uma queda de 69,06%.

Em relação a Nova Viçosa que apresenta a maior queda populacional rural entre os municípios da região, quase 70%, é importante destacar que o Plano Municipal de Recuperação e Conservação da Mata Atlântica, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Nova Viçosa, aponta que a economia do município está alicerçada nos grandes plantios de eucalipto e que a silvicultura já ocupa 50% do território municipal.

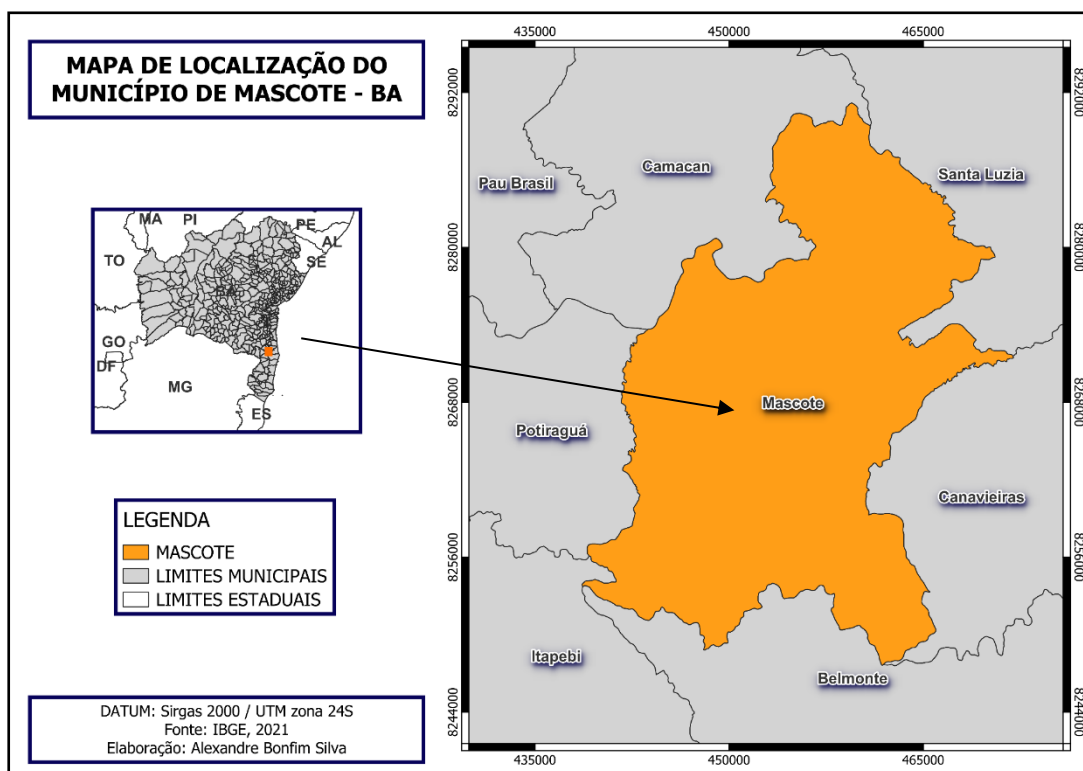
As empresas de silvicultura incentivam fortemente a plantação de eucalipto nas áreas rurais, oferecendo vantagens e facilidades aos proprietários de terra. A Veracel Celulose, a cargo de exemplo, “financia o plantio, fornece assistência técnica e insumo, se compromete em adquirir a produção sob a condição de que o fomentado cumpra a legislação ambiental” (RABBANI, RABBANI e NAZERI, 2024: 21).

A silvicultura que foi iniciada no Extremo Sul da Bahia como uma ferramenta utilizada em prol do desenvolvimento econômico regional, assumiu características predatórias, estabelecendo uma realidade onde

modificou profundamente a sua estrutura espacial ao longo do tempo, por meio de práticas espaciais como a seletividade e a reprodução espacial. Entre os anos 1990 e 2018, houve um incremento de mais de 300% de terras destinadas à eucaliptocultura. Esta iniciou pelo Território do Descobrimento, mas encontrou no Território do Extremo Sul as condições ideais para se tornar o palco principal dessas transformações espaciais, impulsionadas também pelas novidades do mercado nacional e internacional madeireiro. (PAIM et al. 2021: 109)

A tendência registrada no Extremo Sul, de perder população rural em decorrência da silvicultura, já começa a afetar também outras regiões da Bahia, como por exemplo o município de Mascote (figura 3), localizada na região Litoral Sul do estado, fazendo fronteira com os municípios de Itapebi e Belmonte, integrantes do Extremo Sul.

**Figura 3** - Localização do município de Mascote – BA. Elaborado por Alexandre Bonfim, 2024



Silva (2023) conclui, após a realização de pesquisas e entrevistas, que a população rural de Mascote (BA), vem diminuindo em decorrência do plantio de eucalipto no município. Desse modo, o autor aponta que a tecnificação agrícola promovida pela silvicultura e o arrendamento de fazendas para agroindústrias madeireiras dessa cultura, culmina na perda de emprego da população do campo e por consequência no êxodo rural. Isso demonstra que a problemática discutida pelo presente trabalho, já se alastra, transbordando os limites do Extremo Sul e põe no horizonte um futuro consideravelmente preocupante para essas áreas e para o próprio Extremo Sul, onde o campo cada vez mais perde espaço para um plantio florestal que serve ao capitalismo predatório e desertifica as zonas rurais da região, expulsando sua população.

## Considerações finais

A partir das discussões estabelecidas pela presente pesquisa exploratória, é possível realizar importantes reflexões acerca do drama vivenciado pela população rural do Extremo Sul da Bahia. A exploração da natureza, para servir ao capitalismo sem considerar a existência de um povo, é cruel e vai contra o direito à subsistência.

Os dados populacionais da região demonstraram uma queda drástica no número de habitantes da zona rural. Assim, analisados em consonância com a literatura relacionada, foi possível compreender que o plantio de eucalipto atua estabelecendo uma monocultura forçada, bem como modernizando e mecanizando o trabalho nas áreas rurais onde é realizado. O verde do eucalipto avança sobre o campo, levando com ele uma sombra de desemprego, perda de terra, despertencimento e incerteza para a população que nele reside e dele depende, atingindo



ainda a biodiversidade local, não dando espaço para o cultivo de outras espécies nas áreas de sua implementação.

A silvicultura na região cumpriu com o objetivo de influenciar a regionalização e vem cumprindo com o objetivo de acelerar o desenvolvimento econômico. O avanço das florestas de eucalipto nos municípios integrantes do Extremo sul baiano impressiona e enriquece os grandes produtores e empresas do ramo. Entretanto, ao mesmo passo do desenvolvimento, ocorre a desvalorização dos habitantes do campo, que em tentativas de resistência se unem contra a diminuição da oferta de emprego e o crescimento de uma monocultura, em seu lugar de identidade, que não busca sua força de trabalho ou seu conhecimento, inviabilizando sua história e sua vivência.

Os vazios cada vez maiores, deixados pelos habitantes da zona rural do Extremo Sul da Bahia, vêm sendo preenchidos por eucalipto. Em troca do desenvolvimento econômico (de alguns), essa população é expulsa e invisibilizada. A área verde, porém, carente de relações humanas, formada na região já se espalha para além dela, deixando uma questão: Até onde a silvicultura vai?

*Recebido em 30 de janeiro de 2025.*

*Aprovado em 29 de março de 2025.*

## Referências

ALMEIDA, T. M. de; MOREAU, A. M. S. S; MOREAU, M. S; et al. Reorganização socioeconômica no extremo sul da Bahia decorrente da introdução da cultura do eucalipto. *Sociedade & Natureza*, 20 (2): 5-18, 2008.

ALVES, E. S. M.; NÓBREGA; P. R. C. Revisão teórica preliminar sobre a relação sociedade natureza à luz do capitalismo. *Revista de Geografia*, 14 (1): 102-131, 2024.

BAHIA. *Plano municipal de conservação e recuperação da Mata Atlântica de Eunápolis*. Eunápolis, 2016.

BAHIA. *Plano municipal de conservação e recuperação da Mata Atlântica de Itagimirim*. Itagimirim, 2016.

CARVALHO, R. M. M. A; SOARES, T. S; VALVERDE, S. R. Caracterização do setor florestal: uma abordagem comparativa com outros setores da economia. *Ciência Florestal*, Santa Maria, 15 (1): 105-118, 2005.

Doughty, R. Not a Koala in Sight: Promotion and Spread of Eucalyptus. *Ecu-mene*, 3 (2): 200-214, 1996.

GOMÉZ, W. O. A. Concepto de cultura en antropología: el cambio cultural y so-cial. *Revista internacional de filosofía teórica y práctica*, 1 (2): 143-155, 2021.

LIMA, A. R.; et al. Impactos da monocultura do eucalipto sobre a estrutura agrá-ria nas regiões norte e central do Espírito Santo. *Revista Nera*, 19, (34):12-36, 2016.

LIMA, G. L. O deserto verde cresce em Alagoas: uma análise crítica da expansão do eucalipto no estado. *Caderno de Geografia*, 30 (66): 1210-1229, 2020.

LELIS, L. R. M; AVELINO JUNIOR, F. J. Territorialização do complexo euca-lipto-celulose-papel e resistência camponesa em Três Lagoas – MS. *Caminhos de Geografia*, 17 (58): 81-102, 2016.

LOBÃO, Dan Érico Vieira Petit. *Agroecossistema cacauero da Bahia: cacau-ca-bruca e fragmentos florestais na conservação de espécies arbóreas*. Tese de dou-torado. Agronomia, UNESP, 2007.

MACIEL, L. C. Ensaio Sobre a zarza: monocultura e colonialidade vistas do waj-mapu (território mapuche). *Ñanduty*, 9 (13): 45-63, 2021

MEDEIROS, J. L. V; MOREAU, A. M. S. S; MOREAU, M. S. A cultura do eucalipto na região do extremo sul do estado da Bahia: análises do uso da terra e socioeco-nômica. *Boletim Campineiro de Geografia*, 11 (1): 117-136, 2021.

MOREIRA, P. G. Trajetórias conceituais e novas formas de interação nas frontei-ras brasileiras. In: *Fronteiras do Brasil: uma avaliação de política pública*, Rio de Janeiro : Ipea, MI, 21-42, 2018.

MULLER, C. C; MARTINE, G. Modernização da agropecuária, emprego agrícola e êxodo rural no Brasil – A década de 1980. *Revista de Economia Política*, 17 (3): 407-427, 1997

NETO, Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira. *Do isolamento regional à globalização: contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia*. Tese (Doutorado em Geografia), UFS, 2006.

CERQUEIRA NETO, S. P. G. Três décadas de eucalipto no extremo sul da Bahia. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, 16 (2): 55-68, 2012.

NOVA VIÇOSA, Prefeitura Municipal. *Plano municipal de recuperação e conser-vação da Mata Atlântica*. Nova Viçosa, 2023.

OLIVEIRA, Vandete Almeida Silva. *O enigma da vassoura-de-bruxa: análise de um choque exógeno na economia de Ilhéus/BA*. Dissertação (Mestrado em Eco-nomia), UFBA, 2016.

PAIM, G. F; et al. Eucaliptocultura sob o prisma da justiça espacial – uma análise sobre as paisagens do Sul da Bahia. *Revista Pensar Geografia*, 05 (02): 96-112, 2021.

PERPETUA, G. M; THOMAZ JUNIOR, A. Revisitando o conceito de acumulação do capital: a pilhagem territorial promovida pela Veracel Celulose no Extremo Sul da Bahia. *Campo-Território*, 11 (20): 225-256, 2016.

PICCOLI, D. EUCALIPTO, O (deserto) verde maldito: atos de uma disputa... com muitos perdedores!. *Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades*, 222: 70–80, 2016.

POVINELLI, E. A. *Geontologias - Um réquiem para o liberalismo tardio*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

RABBANI, R. M. R; RABBANI, A. R. C; NAZERI, Gabriela. Justiça socioambiental e tributação extrafiscal sobre monoculturas: uma proposta a partir do eucalipto no Extremo Sul da Bahia. Campos Neutrais: *Revista Latino-Americana de Relações Internacionais*. Rio Grande, 6 (2): 11-33, 2024.

RIBEIRO, M.C; et al. *Monitoramento independente da cobertura vegetal dos municípios da área de influência da Veracel no Extremo Sul da Bahia para o ano 2013*. Relatório técnico IBIO/ECONAMFI/LEEC/ECONNECTA, 2015.

RODRIGUES, G. S. S. C; ROSS, J. L. S; TEIXEIRA, G; et al. *Eucalipto no Brasil: expansão geográfica e impactos ambientais*. Uberlândia: Composer, 2021.

SANT'ANNA, A. G.; LEONEL, M. S. Desenvolvimento regional: a opção pelo eucalipto no Extremo Sul da Bahia. *Revista Mosaicum*, 2 (1): 09-23, 2005.

SANTOS, Milton. *Zona do Cacau*. 2. ed. São Paulo: Editora S/A, 1957.

SILVA, Alexandre Bonfim. *A evasão escolar dos estudantes da área rural da Escola Municipal Xisto Barreto, município de Mascote – BA*. Monografia de graduação, Licenciatura em Geografia, UESC, 2023.

SILVA, Emília Pereira Fernandes da. *Metamorfose da chapada: monocultura de eucalipto e tomadas de terras e águas no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais*. Dissertação de mestrado, Instituto de Ciências Agrárias, UFMG, 2019.

SILVA, A. F; XIMENES, A. V. S. F. M. A modernização do campo e os reflexos no assentamento caprisa localizado nos municípios de assunção do Piauí e são miguel do tapuio no estado do Piauí. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, Sobral, 26 (3): 133-150, 2024.

SKEWES, J. C; GUERRA, D. E. On trees and people: The presence of the oak (*Nothofagus obliqua*) in the Andes mountain life of the Mapuche People in the Valdivia river basin. *Atenea* 512: 189-210, 2015.

VIEGAS, Susana Matos. Florestas biodiversas em perspectiva antropológica: resurgências das paisagens em ruína pela monocultura do eucalipto. *Etnográfica*, 27 (3): 851-872, 2023.

VOLUME 12  
NÚMERO 30  
(SET./DEZ. 2025)

# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE AGOSTO  
DE 2025

## CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS  
SOBRE OS ESTUDOS DO CUIDADO

### COORDENADORXS:

DR. FABIO DE MEDINA DA SILVA GOMES (UNEMAT)  
DRA. LUDMILA RODRIGUES ANTUNES (UFF)

O trabalho do cuidado vem sendo compreendido como uma atividade de múltiplas dimensões na vida social, envolvendo desde o cuidado de outras pessoas, o autocuidado, o cuidado da casa, bem como ações governamentais direcionadas para determinados grupos sociais. Nesse sentido, esse dossiê pretende reunir pesquisas etnográficas sobre o trabalho do cuidado, com especial enfoque para questões envolvendo as múltiplas concepções sobre o chamado trabalho reprodutivo realizado, majoritariamente, por mulheres e dentro das casas.

# 30

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso